



UNICAMP



Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial

Boletim de Conjuntura Industrial

Dezembro de 2008



Boletim de Conjuntura Industrial

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Economia – Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia

Projeto: Boletim de Conjuntura Industrial, Acompanhamento Setorial,

Panorama da Indústria e Análise da Política Industrial

DEZEMBRO 2008

A análise da conjuntura industrial brasileira no segundo semestre de 2008 reveste-se de maior complexidade por conta da eclosão da crise financeira mundial no final de setembro do ano corrente. Isto justifica a fragmentação da análise em duas partes: a primeira busca retratar o desempenho da indústria brasileira no terceiro trimestre do ano, ainda marcado pela manutenção do ritmo de crescimento observado nos trimestres anteriores, enquanto a segunda procura delinear os efeitos iniciais da crise mundial sobre a indústria brasileira com base em dados mais recentes de produção, de emprego e de comércio externo.

A manutenção do crescimento da indústria brasileira no terceiro trimestre de 2008

O crescimento da economia brasileira continuou vigoroso no terceiro trimestre de 2008. O Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 6,3% no acumulado dos 4 trimestres terminados em setembro do ano corrente e 6,8% na comparação do terceiro trimestre deste ano com igual período do ano passado (Sistema de Contas Nacionais – SCN/IBGE). Manteve-se o padrão de crescimento baseado no dinamismo da demanda interna, concretizado no aumento do consumo das famílias (6,7%) e da administração pública (5,1%) e na expressiva ampliação da formação bruta de capital fixo (17,0%) (Tabela 1). Além disso, a taxa de investimento continuou se elevando de forma persistente em 2008, atingindo 20,4% no terceiro trimestre do ano corrente, o maior patamar desde o ano 2000. Por sua vez, o setor externo continuou contribuindo de forma negativa para o crescimento do produto interno, considerando-se a manutenção de um ritmo elevado de crescimento das importações de bens e serviços (22,8%), que superou significativamente o das exportações (2,8%).

Tabela 1 – Componentes da Demanda (taxa acumulada nos últimos 4 trimestres – I/2008 a III/2008) (Em %)

Componentes da Demanda	I/2008	II/2008	III/2008
PIB a preços de mercado	5,9	6,0	6,3
Despesa de consumo das famílias	6,3	6,3	6,7
Despesa de consumo da administração pública	5,2	4,7	5,1
Formação bruta de capital fixo	15,0	15,8	17,0
Exportação de bens e serviços	4,7	2,7	2,8
Importação de bens e serviços (-)	20,5	22,3	22,8

Nota: Os dados incorporam a revisão dos números anteriormente divulgados pelo IBGE, que foram recalculados com base nas mudanças de ponderação realizadas pela instituição. Por esse motivo, existem diferenças com relação aos dados contidos nos boletins de conjuntura industrial anteriores. Fonte: Sistema de Contas Nacionais (SCN)/IBGE.

A contribuição positiva da indústria para o crescimento da economia brasileira tem sido amplamente destacada nos relatórios de acompanhamento

da conjuntura industrial. O ritmo de crescimento da indústria brasileira manteve-se no terceiro trimestre de 2008, o que se pode afirmar com base nos dados de produção física da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE) (Tabela 2). Comparando os resultados do terceiro trimestre do ano corrente com os do mesmo período do ano passado, observam-se taxas de crescimento de 6,7% para a indústria geral e de 6,6% para a indústria de transformação, com destaque para o crescimento da produção física da indústria extrativa: 8,9%. Esses patamares de crescimento atingidos pela indústria geral e por seus distintos segmentos de transformação e de extração foram inclusive superiores aos verificados no primeiro e no segundo trimestres do ano corrente com relação aos mesmos períodos do ano anterior. Considerando o acumulado ao longo dos 4 trimestres findos em setembro de 2008, as taxas de crescimento atingiram 6,8% para a indústria geral e para a de transformação e 7,0% para a indústria extrativa, também superiores àquelas observadas nos dados acumulados em 12 meses terminados em março e em junho de 2008.

Tabela 2 – Taxa de Crescimento da Produção Industrial (I/2007 a III/2008) (Em %)

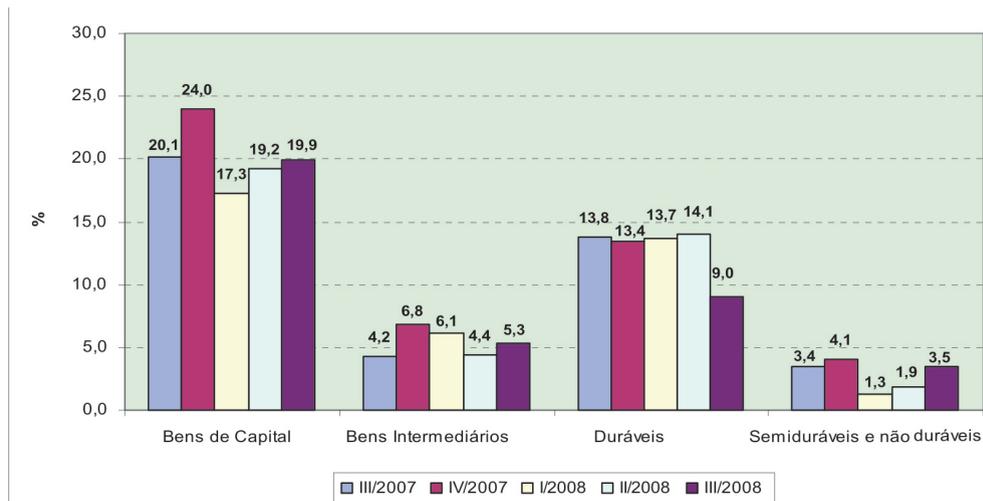
Atividades	I 2007	II 2007	III 2007	IV 2007	I 2008	II 2008	III 2008
Taxa de crescimento trimestral em relação ao mesmo trimestre do ano anterior							
Indústria Geral	3,8	5,8	6,3	7,9	6,4	6,2	6,7
Indústria Extrativa	5,6	5,8	6,0	6,1	6,8	6,3	8,9
Indústria de Transformação	3,7	5,8	6,4	8,0	6,4	6,2	6,6
Taxa de crescimento acumulada ao longo dos últimos 4 trimestres							
Indústria Geral	2,6	3,9	4,8	6,0	6,6	6,7	6,8
Indústria Extrativa	5,7	6,1	6,1	5,9	6,2	6,3	7,0
Indústria de Transformação	2,5	3,8	4,7	6,0	6,7	6,7	6,8

Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF)/IBGE.

A análise de dados de produção industrial por categoria de uso permite afirmar que os bens de capital mantiveram a liderança do crescimento industrial, apresentando elevação de 19,9% no terceiro trimestre de 2008 em relação ao mesmo período do ano anterior (Gráfico 1). A taxa de crescimento da produção física dos bens de capital alcançou um patamar ainda mais elevado (20,1%) ao se considerar o acumulado no ano terminado em setembro de 2008. Por sua vez, os bens de consumo duráveis vinham apresentando um comportamento muito positivo, com crescimento em torno de 14%, desde o terceiro trimestre de 2007, certamente estimulado pela significativa expansão da produção automotiva. Contudo, percebe-se uma desaceleração do ritmo de crescimento dos duráveis já no terceiro trimestre de 2008, quando a taxa atingiu o patamar ainda elevado, porém cadente, de 9% com relação ao mesmo período do ano passado. Esta foi a única categoria de uso que teve um crescimento muito reduzido no terceiro trimestre do ano comparado ao trimestre imediatamente anterior

(0,6%, considerando-se o ajuste sazonal). Os veículos automotores e os outros equipamentos de transporte continuaram liderando a expansão da produção dos duráveis no terceiro trimestre do ano corrente.

Gráfico 1 – Evolução da Produção Industrial por Categorias de Uso (taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior – III/2007 a III/2008) (Em%)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

No caso dos bens intermediários, houve crescimento de 5,3% no terceiro trimestre do ano, superando a elevação observada no trimestre anterior. Isto significa uma reversão localizada da tendência de queda na taxa de crescimento trimestral da produção de bens intermediários, especialmente observada no primeiro semestre de 2008. Os bens de consumo semiduráveis e não-duráveis presenciaram a continuidade do crescimento de sua produção ao longo do ano, que atingiu o patamar de 3,5% no terceiro trimestre de 2008 com relação ao mesmo período do ano passado. Isto mostra uma suave recuperação do fraco comportamento apresentado no começo do ano corrente.

Detalhando a análise de dados de produção por atividade industrial, observa-se a manutenção da liderança de setores relacionados a bens de capital ou de consumo durável. Os setores que apresentaram as maiores taxas de crescimento no acumulado do ano findo em setembro de 2008 foram: outros equipamentos de transporte (24,7%); veículos automotores (18,7%); equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros (16,7%); máquinas e equipamentos (12,5%); e máquinas, aparelhos e materiais elétricos (10,1%). Sobressaiu-se o aumento do ritmo de crescimento acumulado do setor de equipamentos de instrumentação médico-hospitalar. Este setor também se destacou ao se considerar o crescimento do terceiro trimestre do ano corrente comparado ao mesmo período do ano passado (25,9%), seguindo os outros equipamentos de transporte (28,8%) e

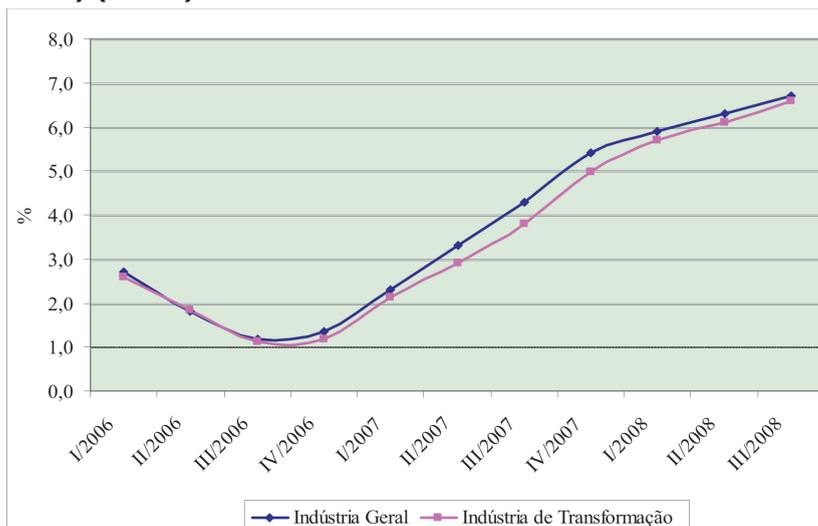
acompanhado de perto pelo setor farmacêutico (20,9%).

No que se refere à composição do crescimento industrial no acumulado do ano corrente (janeiro a setembro de 2008), destacam-se: veículos automotores (24,1%); máquinas e equipamentos (10,4%); outros equipamentos de transporte (7,9%); metalurgia básica (6,3%); e minerais não metálicos (5,1%). Os setores citados têm liderado a composição do crescimento no ano corrente. O setor de minerais não metálicos, impulsionado pelo dinamismo da construção civil, se destacou mais recentemente, superando o setor de produtos químicos que aparecia entre os líderes na composição do crescimento nos boletins de conjuntura industrial anteriores.

A sustentação do crescimento do emprego e dos salários na indústria tem sido ao mesmo tempo causa e consequência do desempenho positivo da produção industrial. No acumulado dos últimos 4 trimestres terminados em setembro de 2008, dados da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES/IBGE) mostram um crescimento de 2,9% do pessoal ocupado assalariado na indústria em geral e na indústria de transformação, quase duplicando a variação observada no acumulado de 4 trimestres terminados em setembro do ano passado (1,5%) e superando o crescimento verificado em todo o ano de 2007 (2,2%).

As folhas de pagamento real da indústria geral e da indústria de transformação se elevaram em 6,7% e 6,6%, respectivamente, no acumulado dos 4 trimestres terminados em setembro do ano corrente (Gráfico 2). O comportamento positivo da massa de rendimentos vem se mantendo desde o início do ano passado, observando-se, contudo, uma tendência recente de desaceleração de seu ritmo de crescimento.

Gráfico 2 – Taxa de Crescimento da Folha de Pagamentos Real da Indústria (taxa acumulada ao longo dos últimos 4 trimestres – I/2006 a III/2008) (Em %)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIMES/IBGE.

Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE)¹ mostram a manutenção da criação de emprego formal no terceiro trimestre de 2008. Foram criadas 193,9 mil vagas na indústria geral, 188,9 mil na indústria de transformação e 5 mil na indústria extrativa (Tabela 3). A criação de vagas pela indústria geral chegou a 514,7 mil no período de janeiro a setembro de 2008, significando um aumento de 8,8% com relação a igual período do ano passado (473,1 mil). O aumento foi ainda mais significativo na indústria extrativa (18,5%), onde foram criadas quase 15 mil vagas nos 3 primeiros trimestres do ano corrente. Portanto, a criação de emprego formal pela indústria geral e por ambos os segmentos de transformação e de extração foi claramente superior no acumulado do ano corrente comparado ao mesmo período do ano passado.

Tabela 3 - Evolução da Criação de Emprego Formal na Indústria (2007-2008)

	Criação de vagas (mil)					Variação jan. a set.-08/ jan. a set.-07 (%)
	jan.-set. 2007	1º trim. 2008	2º trim. 2008	3º trim. 2008	jan.-set. 2008	
Indústria Geral	473,1	153,1	167,7	193,9	514,7	8,8
Indústria Extrativa	12,4	3,4	6,3	5,0	14,7	18,5
Indústria de Transformação	460,7	149,7	161,4	188,9	500,0	8,5

Fonte: Elaboração própria NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do CAGED/MTE.

Algumas atividades industriais lideraram a criação de vagas na indústria no terceiro trimestre de 2008: alimentos (36%); vestuário e acessórios (10,3%); produtos de metal (7,7%); máquinas e equipamentos (5,8%) e veículos automotores (5,1%). Setores que tradicionalmente se destacam nos indicadores de emprego, como alimentos e vestuário, foram responsáveis conjuntamente por quase 50% da criação de vagas no terceiro trimestre deste ano. Setores que lideraram a composição do crescimento industrial no período analisado também atingiram elevada participação na criação de emprego formal, como os setores fabricantes de veículos automotores e de máquinas e equipamentos.

A análise do comércio externo brasileiro contribui para a compreensão do desempenho recente da indústria brasileira. O Boletim de Conjuntura Industrial de setembro de 2008 investigou o comportamento do comércio externo brasileiro ao longo dos últimos anos, detalhando os dados de exportação e importação da primeira metade do ano corrente. Destacou-

1- O CAGED/MTE apresenta os resultados de todas as empresas que realizaram contratação/demissão de empregados formais no período pesquisado, tendo, portanto, cobertura censitária. Os dados de 2007 e 2008 foram organizados com base na nova CNAE 2.0, podendo se diferenciar dos dados analisados no Boletim de Conjuntura Industrial de março de 2008, que utilizou a antiga CNAE 1.0. Por sua vez, a PIMES/IBGE tem cobertura amostral, incluindo empresas com 5 funcionários ou mais. Portanto, podem ser encontradas tendências divergentes nas duas fontes de dados utilizadas, principalmente em setores com predomínio de pequenas e médias empresas.

se, inicialmente, a persistente elevação do superávit comercial acumulado em 12 meses no período de 2002 a maio de 2007, com forte estímulo dado pelo longo processo de expansão da economia mundial. Além disso, afirmou-se a contribuição do desempenho comercial do país para a redução da vulnerabilidade externa da economia brasileira. Contudo, alertou-se, para a deterioração do saldo comercial brasileiro a partir do segundo semestre do ano passado, para o que contribuiu a aceleração do crescimento dos valores importados em cenário de crescimento econômico interno e valorização da moeda nacional, acarretando uma aproximação entre os valores importados e exportados. Ressaltou-se também a perda de dinamismo do superávit comercial no primeiro semestre de 2008.

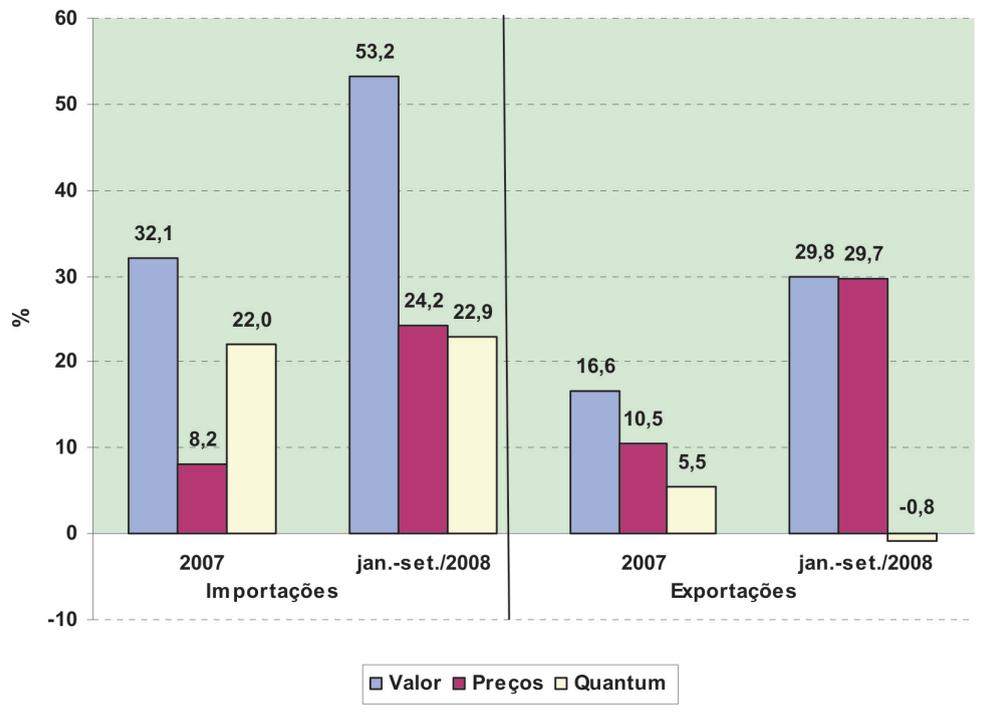
Analisando os dados do comércio externo do terceiro trimestre do ano corrente, verifica-se um saldo positivo de US\$ 8,3 bilhões, com pequena redução na comparação com o saldo do trimestre imediatamente anterior (-2,5%), porém com forte queda na comparação com o mesmo período do ano passado (-19,7%). Houve redução do ritmo de crescimento tanto das exportações quanto das importações no terceiro trimestre comparado ao segundo trimestre do ano. Contudo, a taxa de crescimento das importações (19,5%) conseguiu superar a das exportações (15,9%) na comparação com o trimestre anterior, o que demonstra a persistência da pressão das importações sobre o saldo comercial brasileiro.

Investigando um período um pouco mais amplo, observa-se que o superávit comercial de janeiro a setembro de 2008 (US\$ 19,6 bilhões) foi 36,6% menor do que o do mesmo período de 2007 (US\$ 30,9 bilhões) (FUNCEX). Esta redução do superávit comercial no período resultou principalmente do aumento significativo das importações brasileiras, que atingiram US\$ 131,2 bilhões de janeiro a setembro de 2008, mostrando uma elevação de 53,2% na comparação com igual período de 2007 (Gráfico 3). Esta elevação decorreu da variação dos preços (24,2%) e das quantidades importadas (22,9%) na comparação com o mesmo período do ano passado. As variações dos preços e dos valores importados de janeiro a setembro do ano corrente foram inclusive muito superiores àquelas observadas no ano passado. O índice de quantum das importações foi o único que não sofreu alteração expressiva.

Considerando o movimento das exportações brasileiras, verifica-se que atingiram o patamar de US\$ 150,9 bilhões de janeiro a setembro de 2008, apresentando um crescimento de 29,8% em relação a igual período do ano passado (Gráfico 3). A elevação dos preços dos produtos exportados (29,7%) foi responsável pelo crescimento do valor das exportações considerando a redução das quantidades exportadas (-0,8%) no período analisado. No Boletim de Conjuntura Industrial de setembro de 2008 havia sido destacado

que o ciclo de aumento de preços internacionais já mostrava sinais de reversão, motivado pela retração na economia mundial e pela desmontagem de posições especulativas nas bolsas de mercadorias mundiais. Isto se torna cada vez mais real com a materialização dos impactos da crise financeira mundial, que tem criado um ambiente inequivocamente hostil para a expansão das exportações brasileiras, em termos tanto de preço quanto de quantidade.

Gráfico 3 – Taxa de Variação das Exportações e das Importações: valor, preço e quantum (2007 e jan.-set./2008 – em relação ao mesmo período do ano anterior) (Em%)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da FUNCEX.

A análise de dados do terceiro trimestre de 2008 mostra que, efetivamente, os efeitos da crise internacional não se fizeram sentir até o final de setembro. Observou-se a manutenção do dinamismo da economia brasileira, com liderança da demanda interna, especialmente dos investimentos e do consumo das famílias. No que se refere ao desempenho da indústria, esse dinamismo refletiu-se em crescimento da produção e do emprego nos setores industriais ligados aos bens de consumo duráveis e à formação de capital. Apenas no comércio exterior, a redução no ritmo de elevação dos preços, tanto de exportações quanto de importações, e de quantum, no caso das exportações, demonstraram algum efeito da deterioração no cenário externo.

A eclosão da crise mundial gerou a expectativa de redução generalizada das taxas de crescimento a partir do último trimestre de 2008. Os efeitos da crise, especialmente sobre os setores que vinham liderando o crescimento industrial, como o setor automotivo, poderão acarretar resultados bastante negativos

para a indústria brasileira, considerando que a contribuição da produção de veículos automotores ao crescimento industrial tem sido significativa ao longo do ano corrente: 24% no período de janeiro a setembro de 2008. Cabe, portanto, basear a investigação dos possíveis efeitos da crise mundial sobre a indústria brasileira nos últimos dados disponíveis sobre produção, emprego e de comércio externo. Vale ressaltar, porém, que mesmo a análise a seguir é bastante preliminar, uma vez que na data de fechamento deste boletim apenas os dados de outubro estavam divulgados.

Reflexos da crise mundial sobre o desempenho recente da indústria brasileira

Os reflexos da crise financeira mundial têm se constituído em um dos pontos centrais do debate sobre o comportamento recente e a perspectiva de desempenho futuro da economia e, particularmente, da indústria brasileira. A análise dos dados referentes ao mês de outubro se faz necessária com o objetivo de investigar, ainda que de forma embrionária, alguns possíveis efeitos iniciais da crise sobre a produção e o emprego industrial, assim como sobre o comércio externo brasileiro.

Cumprir destacar, em primeiro lugar, o reduzido crescimento da produção física da indústria geral e de transformação na comparação de outubro de 2008 com outubro de 2007: respectivamente, 2,7% e 2,6% (PIM-PF/IBGE). As taxas verificadas em outubro representaram uma queda brusca em relação ao observado nos meses anteriores. A exceção ficou por conta da indústria extrativa, que apresentou expressivo crescimento no mesmo período (8,1%). Comparando os resultados da produção física do mês de outubro com os de setembro de 2008, verifica-se uma redução generalizada, mesmo sendo pouco vigorosa: na indústria geral (-1,7%), na indústria de transformação (-2,0%) e na indústria extrativa (-0,3%). Esses dados mostram que a crise internacional teve efeitos rápidos sobre a economia brasileira, atingindo a indústria tanto pela súbita contração da liquidez quanto pela rápida reversão das expectativas, o que resultou em ajustes na produção para evitar o acúmulo de estoques indesejados.

As categorias de uso de bens intermediários e de bens de consumo apresentaram reduzido avanço na produção de outubro do ano corrente com relação a outubro do ano passado, respectivamente, 1% e 3%. Se a base de comparação muda para setembro do ano corrente, observa-se queda na produção, liderada por bens de consumo duráveis (-4,7%); bens intermediários (-3%) e bens de consumo semiduráveis e não-duráveis (-2,2%).

Os bens de capital ainda puderam ser considerados uma exceção, pois apresentaram crescimento da produção na comparação de outubro de 2008 com outubro do ano passado (16%), apresentando pequena redução com relação a setembro de 2008 (-0,5%). Contudo, a expectativa de queda no ritmo de investimentos por parte das empresas, preocupadas com os impactos da crise mundial e com a decorrente insuficiência e encarecimento do crédito, pode se traduzir em redução de encomendas de máquinas e equipamentos, colocando dúvidas sobre o desempenho da produção de bens de capital no último trimestre de 2008. Dados da Associação Brasileira de Máquinas e Equipamentos (ABIMAQ), sistematizados com base em levantamentos realizados na última semana de novembro de 2008, revelam que os produtores de bens de capital já perderam um terço da carteira de pedidos em relação ao período pré-crise. Os setores de construção civil, de bens de consumo e a agricultura já mostram sinais de redução de pedidos. A construção civil foi o que mais reduziu os investimentos em bens de capital, com corte de 46% das encomendas. Os setores de bens de consumo e a agricultura também diminuíram os pedidos de máquinas e equipamentos na ordem de 38%. Entre os próprios produtores de bens de capital, houve redução de 28% das encomendas (Landim, 2008 – fonte original: ABIMAQ).

Cabe observar também que a redução da produção foi generalizada em termos dos setores industriais. Dos 26 setores acompanhados pela PIM-PF, 11 apresentaram queda de produção em outubro do ano corrente com relação ao mesmo mês do ano passado. Dentre eles, o setor de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações amargou uma queda de 19,4%, acompanhado de perto pelo setor de papel e celulose, com redução de 17,0%. Na comparação de outubro com setembro de 2008, 13 setores apresentaram queda da produção, com destaque para os minerais não metálicos (-11,6%). Todavia, alguns setores continuaram a apresentar um crescimento vigoroso em outubro de 2008 com relação a outubro de 2007, caso dos produtos químicos (29,2%); de outros equipamentos de transporte (22,2%); de produtos de metal, excluindo máquinas e equipamentos (10,4%) e de refino de petróleo e álcool (10,2%). Nenhum setor se destacou com crescimento expressivo na comparação de outubro com setembro de 2008. Merece destaque somente o setor de papel e celulose que conseguiu aumentar sua produção de setembro a outubro de 2008 (5%), apesar da já mencionada perda com relação a outubro do ano passado.

O reduzido crescimento da produção física da indústria geral e de transformação se traduziu em inexpressiva criação de emprego formal em outubro de 2008 (6,5 mil vagas). Considerando a criação de quase 59 mil vagas em outubro de 2007, torna-se evidente a desaceleração da criação de emprego formal no mês de outubro de 2008 – somente um pouco mais de

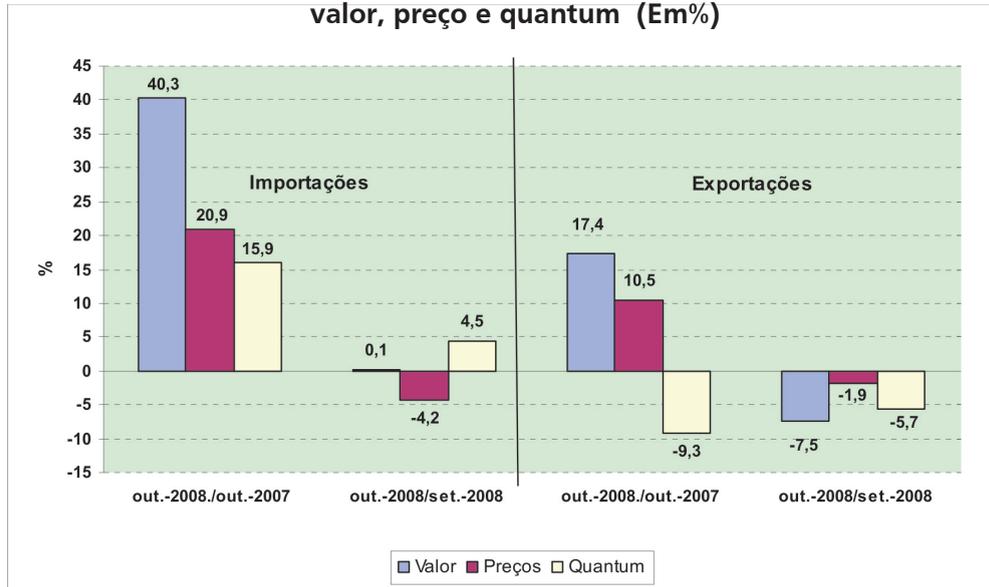
10% das vagas criadas no mesmo mês do ano passado. A comparação com o mês de setembro de 2008, quando foram criadas quase 112 mil vagas na indústria, certamente eleva o nível de preocupação com a desaceleração recente da produção e do emprego industrial.

Por fim, a análise de dados recentes das exportações e importações brasileiras revela elementos peculiares. Comparando os dados de outubro de 2008 com o mesmo período do ano passado, verifica-se a acentuação de tendências apontadas em boletins anteriores: a elevação das importações puxadas por preços e quantidades e o aumento das exportações baseado no comportamento altista dos preços, considerando a redução das quantidades exportadas (Gráfico 4).

Contudo, a mudança mais recente de desaceleração do crescimento das exportações e das importações, que caracterizou o terceiro trimestre de 2008, acabou se acentuando em outubro na comparação com setembro de 2008. No caso das importações, houve praticamente uma estagnação em termos de valor, resultante da similaridade entre a queda dos preços (-4,2%) e o aumento do quantum importado (4,5%). O que diferenciou o comportamento das importações no mês de outubro foi a redução de preços dos produtos importados, que não havia se manifestado de forma mais evidente nos meses anteriores. A tendência de aumento das quantidades importadas se manteve, ainda que de forma mais tímida, refletindo a redução no ritmo da atividade produtiva interna. Isto certamente revela alguns sinais da crise, como a redução dos preços internacionais e o enfraquecimento da demanda brasileira por produtos importados, considerando inclusive o início do processo de desvalorização da moeda nacional frente ao dólar.

No caso das exportações, houve redução do valor exportado em outubro com relação a setembro de 2008 (-7,5%), fruto da queda tanto dos preços (-1,9%) quanto das quantidades exportadas (-5,7%). A peculiaridade do comportamento das exportações no mês de outubro se encontra na redução de preços dos produtos exportados, revertendo o contínuo crescimento observado nos meses anteriores. A redução das quantidades exportadas se agravou em outubro, contribuindo para a queda do valor exportado. Isto certamente mostra o crescente estrangulamento do comércio externo brasileiro decorrente, por um lado, da desaceleração da demanda mundial com reflexos baixistas sobre preços internacionais e quantidades demandadas pelos distintos países e, por outro lado, das dificuldades internas relacionadas especialmente ao crédito à atividade exportadora.

Gráfico 4 – Taxa de Variação das Exportações e das Importações: valor, preço e quantum (Em%)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da FUNCEX.

A análise dos dados do mês de outubro revela, portanto, uma reversão bastante acentuada no ritmo de crescimento que vinha prevalecendo até setembro de 2008. Como destacado nos boletins anteriores, não apenas o ritmo de crescimento era bastante favorável, como também o padrão de crescimento, liderado pelos investimentos, era muito positivo, fato que coloca a economia brasileira em geral, e os formuladores da política econômica em particular, frente a um grande desafio.

O papel da política econômica ganha importância em momentos críticos como o atual, em razão da possibilidade de coordenar ações para contrabalançar expectativas negativas por parte do setor privado, que podem levar a um círculo vicioso de redução de produção, corte de investimentos e de empregos. Embora seja difícil que não se verifique uma redução no ritmo de crescimento em 2009, é fundamental realizar esforços para manter o padrão do crescimento recente, preservando ao máximo os projetos de investimentos tanto públicos quanto privados, de maneira a pavimentar o caminho para uma retomada em condições mais favoráveis no futuro.

Nesse contexto, a Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP) e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) se tornam ainda mais importantes para manter níveis satisfatórios de crescimento, em um cenário em que a demanda por bens de consumo deve sofrer forte desaceleração, exercendo, portanto, impactos negativos sobre o crescimento do PIB, e frente a uma conjuntura externa desfavorável nos próximos períodos.

A continuidade dos investimentos é fundamental do ponto de vista da

demanda, enquanto componente capaz de dar sustentação ao aumento do PIB, e para a modernização da infraestrutura e das plantas industriais, o que sem dúvida pode resultar em uma estrutura produtiva mais capaz de gerar renda e emprego no momento de retomada. Finalmente, a expansão dos investimentos, aliada aos esforços de modernização e criação de capacitação tecnológica e de inovação também é fundamental para criar as bases para a elevação da competitividade externa do sistema industrial e fazer frente ao cenário de concorrência mais acirrada que se vislumbra no mercado mundial daqui para frente.

A Indústria de Autopeças: desempenho e tendências

Conjuntura do setor automotivo

O setor de autopeças brasileiro atualmente revisa sua postura otimista para o futuro próximo. Há poucos dias, parecia manter seu otimismo, mesmo no contexto de forte crise financeira mundial, respaldado em dois pontos. Em primeiro lugar, pela expectativa de aumento da produção de automóveis sendo mantida pelas montadoras entre 8% e 10% para 2009, recentemente reforçada com a liberação dos R\$ 8 bilhões em empréstimos do Banco do Brasil e da Nossa Caixa para financiamentos ao consumidor (Valor Econômico, 12/11/2008). Em segundo lugar, pela natureza dos contratos de fornecimento, que prevêem um compromisso de compra dos componentes pelas montadoras, já fechados para esse ano e, pelo menos teoricamente, não podendo ser rompidos ou interrompidos abruptamente. Com base nesses dois elementos, o setor ainda espera faturar US\$ 46 bilhões em 2008, o que representaria um aumento de aproximadamente 35% em relação ao ano passado (Valor Econômico, 8/10/2008).

Entretanto, os desdobramentos recentes da crise começam a causar preocupações. No que se refere aos últimos dados de produção de automóveis novos, é possível observar que os meses de outubro e novembro apresentaram queda sucessiva, pela primeira vez nos últimos anos, situação bem diferente do crescimento médio de mais de 20% observado em meses anteriores (Gráficos 1 e 2). A queda abrupta das vendas de automóveis verificada em outubro (11,6% em relação a setembro de 2008 e de 3,7% em relação a outubro do ano passado) acelerou sua tendência em novembro (-26% em relação a outubro de 2008 e -26,4% em relação ao mesmo mês do ano passado) e fez crescer a desconfiança sobre o efeito perverso de redução da demanda interna, alimentada pela escassez de crédito e pela falta de confiança no futuro por parte do consumidor, e externa, devido à

recessão enfrentada pelos países centrais (ANFAVEA, 2008).

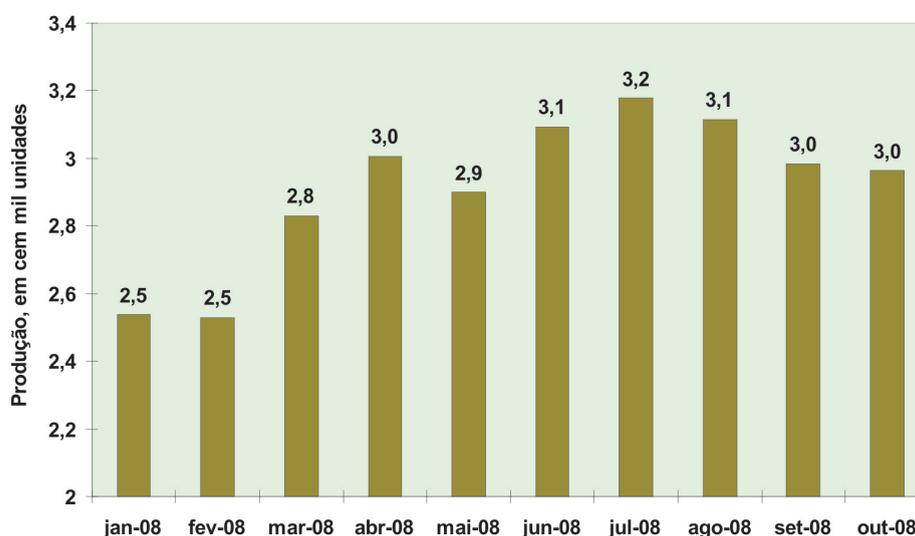
Além disso, as férias coletivas concedidas por algumas montadoras no Brasil e a complexa situação financeira das principais montadoras americanas, em especial a General Motors (GM), cujas ações atingiram preços semelhantes aos de 1946 podem complicar a situação de grandes empresas do setor de autopeças nacional, com produção altamente encadeada. Algumas empresas de autopeças já anunciaram demissões significativas de seu quadro de funcionários, revertendo a tendência de expansão no emprego verificada até setembro do ano corrente. Na Argentina, o principal parceiro comercial do setor automotivo brasileiro, a estratégia de concessão de mais crédito ao consumo e a adoção de um programa de vendas de veículos a preço de fábrica não foram suficientes para evitar que as montadoras e as fabricantes de autopeças promovessem cortes de horas extras, redução dos segundo e terceiro turnos e, em alguns casos, demissões. Dentre as empresas afetadas, destacam-se Fiat, GM, Volkswagen e Mercedes-Benz (Valor Econômico, 11/11/2008).

**Gráfico 1 - Produção de autoveículos no Brasil (2007 - 2008)
variação com relação ao mesmo mês do ano anterior**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da ANFAVEA.

**Gráfico 2 - Produção mensal de veículos novos
(jan. a out./2008)**



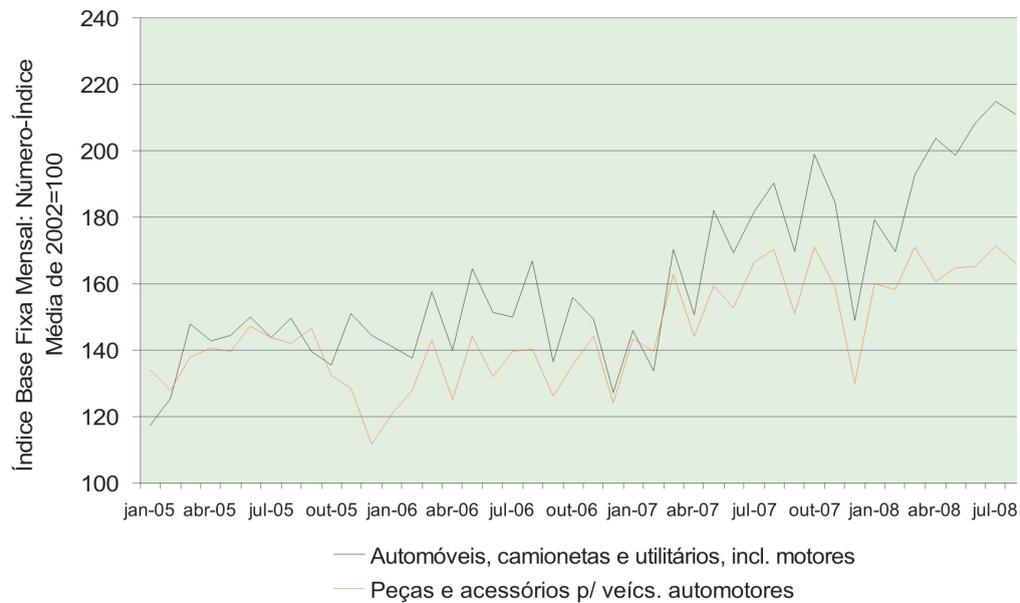
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da ANFAVEA.

Desta maneira, mesmo sendo prematuro e inadequado conjecturar sobre os fatores (e suas importâncias relativas) que têm alimentado a recente queda de produção e, principalmente, fazer prognósticos sobre as tendências futuras, é cabível supor que a escassez de crédito causada pela crise financeira, a subida recente das taxas de juros dos empréstimos para a aquisição de veículos novos e a falta de confiança dos consumidores e produtores, mesmo com os esforços dos bancos estatais e dos fabricantes, podem ter impacto negativo na demanda futura por veículos e, por consequência, do segmento de autopeças.

Desempenho recente da indústria brasileira de autopeças: produção, emprego e comércio externo

No que se refere à produção dos distintos segmentos automotivos ao longo dos últimos anos, identifica-se, além de um expressivo crescimento, uma estreita correlação entre os resultados da produção de veículos automotores e de autopeças (Gráfico 3). Somente a partir de março de 2008, verificou-se um descolamento dessas variáveis, com queda relativa da produção de autopeças. Em outras palavras, a taxa de crescimento mais recente da produção de veículos foi cada vez menos acompanhada pela de autopeças, devido à crescente participação de insumos e componentes importados na montagem de veículos. Além da vigorosa expansão da demanda doméstica e da rápida redução da capacidade ociosa, as importações de autopeças foram beneficiadas pelo câmbio fortemente valorizado. A recente desvalorização cambial pós-crise internacional deverá reverter essa tendência.

**Gráfico 3 - Produção Industrial Mensal dos Subsetores Automotivos
(Jan. 05 a Set. 08)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIM-PF/IBGE.

Considerando a evolução do emprego formal, confirma-se o excelente desempenho do setor brasileiro de autopeças até a eclosão da crise financeira (Tabela 1). No período compreendido entre o primeiro trimestre de 2007 e o terceiro trimestre de 2008, o número de vagas criadas manteve-se aproximadamente constante, com média em torno de 10.500 novas vagas, com exceção do primeiro e do último trimestre do ano passado, que apresentaram resultados consideravelmente menores (6.333 e 5.221 novas vagas, respectivamente). Tomando-se o total anual de vagas criadas, verifica-se que o setor criou 30.817 vagas nos três primeiros trimestres de 2008, quando no acumulado do ano passado havia criado 33.123 novas vagas. As empresas fabricantes de peças e acessórios foram responsáveis por aproximadamente 80% do total de novas vagas.

Tabela 1 – Evolução da Criação de Emprego Formal no Setor de Autopeças (I/2007 a III/2008) (em número de vagas por trimestre)

Admitidos							
	I 2007	II 2007	III 2007	IV 2007	I 2008	II 2008	III 2008
Setor de Autopeças	22.005	26.965	28.207	21.856	31.787	33.139	34.495
Cabines e Carrocerias	3.112	5.074	4.762	3.913	5.801	6.017	5.883
Peças e Acessórios	18.310	21.265	22.833	17.372	25.209	26.446	27.774
Recond. e Recup. de Motores	583	626	612	571	777	676	838
Desligados							
	I 2007	II 2007	III 2007	IV 2007	I 2008	II 2008	III 2008
Setor de Autopeças	15.672	16.415	17.188	16.635	21.044	22.805	24.755
Cabines e Carrocerias	2.370	2.448	2.702	2.583	3.801	3.822	4.253
Peças e Acessórios	12.802	13.460	13.986	13.540	16.577	18.284	19.817
Recond. e Recup. de Motores	500	507	500	512	666	699	685
Criação de vagas							
	I 2007	II 2007	III 2007	IV 2007	I 2008	II 2008	III 2008
Setor de Autopeças	6.333	10.550	11.019	5.221	10.743	10.334	9.740
Cabines e Carrocerias	742	2.626	2.060	1.330	2.000	2.195	1.630
Peças e Acessórios	5.508	7.805	8.847	3.832	8.632	8.162	7.957
Recond. e Recup. de Motores	83	119	112	59	111	-23	153

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados do CAGED/MTE.

Verifica-se, portanto, a continuidade dos resultados positivos dos dados de emprego no setor de autopeças, principalmente entre os fabricantes de peças e acessórios, confirmando que, pelo menos até setembro, os efeitos da crise não se faziam sentir no mercado de trabalho do segmento.

Com relação ao comércio exterior, ao contrário do que foi observado no período 2004-2006 durante o qual as exportações cresceram muito acima das importações (19,9% ao ano contra 11,1%), o período mais recente, do início de 2007 até o final do primeiro semestre de 2008, é marcado por um forte aumento relativo das importações. De fato, ao passo que as exportações dos três primeiros trimestres de 2008 cresceram 19,1% em relação ao mesmo período de 2007, as importações cresceram de forma expressiva: 50,4% (Tabela 2). Assim, o descolamento na produção de autopeças em relação à de autoveículos, ilustrado no Gráfico 3, se explica pela substituição de componentes nacionais pelos importados, em grande medida incentivada pela valorização do Real vigente até julho de 2008.

Tabela 2 – Evolução do Comércio Externo do Setor de Autopeças (I/2007 a III/2008) (US\$ milhões)

Exportações	I/07	II/07	III/07	IV/07	I/08	II/08	III/08
Setor de Autopeças	2.280,5	2.629,4	2.776,3	2.950,3	2.703,6	3.138,4	3.314,9
Cabines e Carrocerias	1.806,5	2.075,1	2.143,7	2.183,7	2.087,7	2.449,0	2.606,7
Peças e Acessórios	230,8	277,9	312,9	440,9	308,4	363,8	379,3
Recondicionamento e Recuperação de Motores	243,2	276,4	319,7	325,7	307,5	325,6	328,9
Importações	I/07	II/07	III/07	IV/07	I/08	II/08	III/08
Setor de Autopeças	2.126,1	2.427,1	2.785,0	2.840,2	3.189,1	3.576,2	4.272,1
Cabines e Carrocerias	2.029,0	2.301,5	2.629,5	2.702,9	3.032,0	3.372,4	4.050,3
Peças e Acessórios	7,1	18,0	29,7	15,2	14,8	7,7	11,4
Recondicionamento e Recuperação de Motores	90,0	107,6	125,8	122,0	142,4	196,0	210,4
Saldo Comercial	I/07	II/07	III/07	IV/07	I/08	II/08	III/08
Setor de Autopeças	154,4	202,3	-8,8	110,1	-485,5	-437,7	-957,2
Cabines e Carrocerias	-222,5	-226,4	-485,9	-519,2	-944,3	-923,4	-1.443,7
Peças e Acessórios	223,7	259,9	283,2	425,6	293,6	356,1	367,9
Recondicionamento e Recuperação de Motores	153,2	168,7	193,9	203,6	165,1	129,6	118,6

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir dos dados da SECEX.

Conforme destacado no Relatório de Acompanhamento Setorial de maio de 2008 (Sarti, 2008: 13), o grande aumento do comércio exterior do setor automotivo brasileiro esteve associado ao processo de internacionalização e de integração do segmento na cadeia automobilística global. Já mudanças duradouras da taxa de câmbio afetam diretamente decisões de investimentos e de produção dentro e fora do país, afetando conseqüentemente o padrão de inserção comercial.

Neste contexto, os efeitos da desvalorização cambial observada nos últimos meses sobre o setor ainda são uma incógnita. A tendência é que haja um aumento gradual da participação da produção doméstica em relação aos componentes importados mais caros, compensando parcialmente a contração da demanda doméstica. No curto prazo, os segmentos com maior conteúdo importado terão que conviver com pressões de custos maiores.

Vale ressaltar também a evolução das participações dos principais parceiros comerciais do Brasil no setor de autopeças. No período de 2004 até o final do primeiro semestre de 2008, o mercado argentino foi o que mais cresceu para as exportações de autopeças brasileiras. As vendas saltaram de um patamar de US\$ 755,8 milhões, em 2004, para US\$ 2,02 bilhões, em 2007. No primeiro semestre de 2008, já somavam o montante de US\$ 1,29 bilhão, mais que dobrando sua participação no total das exportações setoriais: 13,4%, em 2004, para 24,6%, em 2007, e 28,4%, no primeiro semestre de 2008. Entretanto, com a queda das vendas e da produção de veículos na Argentina a partir de agosto, a tendência é que as exportações do setor

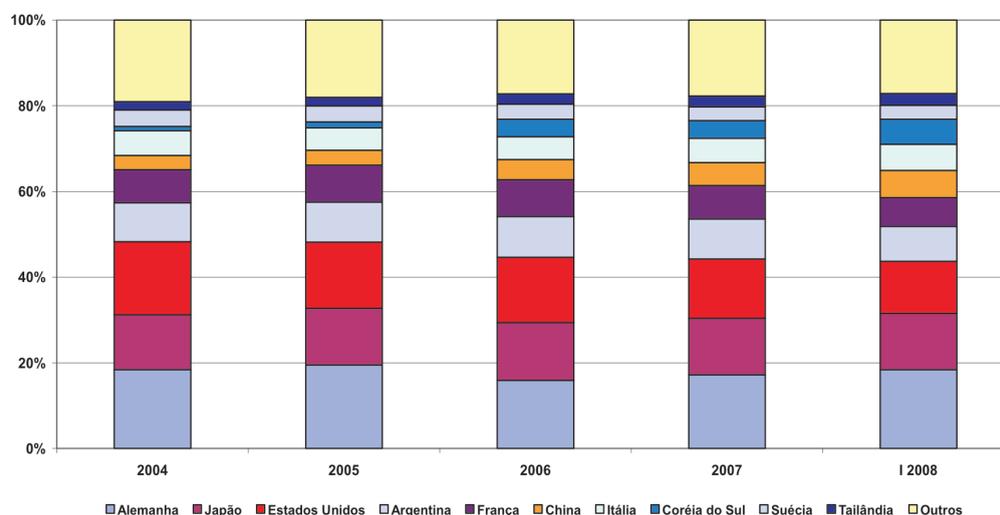
sejam diretamente prejudicadas.

No outro extremo está o mercado dos EUA, que vem perdendo importância relativa. Em 2004, representava 32,4% (US\$ 1,9 bilhão) do total exportado pelo setor brasileiro. Em 2007, passou a representar somente 22,5% (US\$ 1,8 bilhão). Ao final de junho de 2008, somente 19,7%, correspondendo a US\$ 895,1 milhões em receitas. Diante da crise e da queda de demanda no mercado norte-americano, a tendência é de intensificação da redução desses valores nos próximos meses.

No que se refere aos principais países fornecedores de autopeças para o Brasil, destaca-se a Alemanha, que continua sendo o principal parceiro comercial, mantendo praticamente constante sua participação ao longo dos últimos quatro anos (mesmo patamar de 18,1% do total das importações de autopeças em 2004 e no primeiro semestre de 2008). A China e a Coreia do Sul foram as economias que mais cresceram em participação na pauta de importados do setor brasileiro de autopeças, saltando de 3,3% e 1,0%, em 2004, para 6,4% e 5,9%, no primeiro semestre de 2008, respectivamente. Esse aumento de participação rendeu para cada país, só nos primeiros seis meses desse ano, um incremento de US\$ 203,1 milhões e US\$ 171,2 milhões nos seus respectivos saldos comerciais.

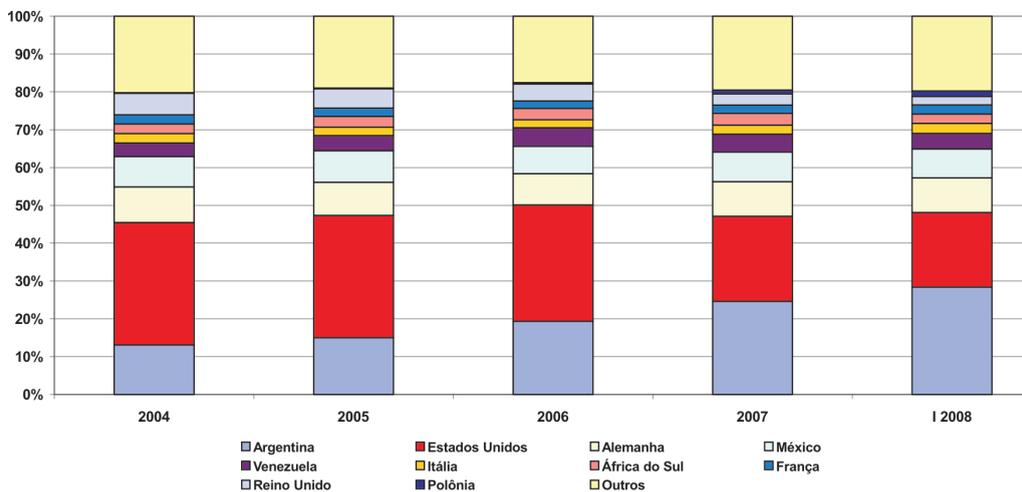
Os Gráficos 4 e 5 mostram, para o período mencionado, as participações relativas dos dez principais parceiros comerciais do Brasil no setor de autopeças, em termos de fornecimento e de mercado consumidor, respectivamente.

Gráfico 4 - Participação Relativa dos Principais Países de Origem das Importações Brasileiras de Autopeças (2004 - 1º sem. / 2008)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base nos dados da SECEX.

Gráfico 4 - Participação Relativa dos Principais Destinos das Exportações Brasileiras de Autopeças (2004 - 1º sem. / 2008)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base nos dados da SECEX.

Comentários Finais

Os dados de produção, emprego e comércio exterior nos três primeiros trimestres de 2008 confirmam o ciclo de crescimento do setor de autopeças no Brasil iniciado em 2003, beneficiando-se dos sucessivos recordes de produção das montadoras aqui instaladas. No entanto, a crise financeira global já tem promovido forte impacto negativo sobre as vendas e produção de veículos, o que deverá se refletir também em toda cadeia de fornecimento.

No caso do Brasil, algumas evidências recentes apontam para uma forte desaceleração ou mesmo estagnação das atividades. Em 2008, a produção acumulada deve ainda apresentar um crescimento próximo de 10% em relação a 2007, devido ao excelente desempenho nos três primeiros trimestres do ano. No entanto, alguns fatores ainda contribuem para uma percepção menos pessimista desse quadro no curto prazo para o setor de autopeças. Em primeiro lugar, está o fato de que os pedidos firmados entre montadoras e autopeças deverão ser mantidos pelo menos até o início do próximo ano, a não ser que o agravamento da crise e a eventual falência de corporações levem a uma ruptura dos contratos firmados.

Em segundo, as medidas tomadas pelos governos Federal e Estadual para atenuar a escassez de crédito, que elevaram as taxas de juros e encurtaram os prazos de financiamento para compra de veículos, poderão suavizar e/ou atrasar os efeitos negativos da desaceleração. No entanto, a maior oferta de crédito para novos veículos ainda não produziu a queda esperada nas

taxas de juros ao consumidor nem o alargamento de prazos. Além disso, as medidas parecem ainda não ter transbordado para o mercado de veículos usados, emperrando a cadeia de vendas.

Em terceiro, a recente redução do IPI, que vigorará até final de março de 2009, deverá promover uma redução nos preços dos veículos novos, estimulando suas vendas. A alíquota do IPI para veículos até 1.000 cilindradas foi reduzida de 7% para zero. Para os veículos entre 1.000 e 2.000 cilindradas, a tarifa caiu de 11% para 5,5%, no caso dos veículos com motor *flex fuel*, e de 13% para 6,5%, no caso de motor à gasolina.

E, por último, espera-se que a recente desvalorização cambial, se acompanhada de menor volatilidade no câmbio, permita, no médio prazo, uma paulatina substituição de peças e componentes importados por produção doméstica. As exportações deverão se reduzir, mas uma queda ainda maior nas importações deverá promover novamente um superávit comercial na pauta do setor.

Em que pesem esses fatores, que podem contribuir para contrarrestar a tendência de desaceleração ou estagnação, ainda assim parece inevitável uma redução do nível de emprego em toda a cadeia automotiva.

Referências bibliográficas

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT/IE/UNICAMP). **Boletim de Conjuntura Industrial**. Setembro de 2008.

Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA). **Dados de Produção de Veículos Novos**. Vários anos.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES)**. Vários anos.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF)**. Vários anos.

Landim, R. Ritmo de investimentos cai 50% no trimestre. **Valor Econômico**, 8/12/2008: Caderno A5.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Secretaria de Comércio Exterior (SECEX)**. Estatísticas de Comércio Exterior. Vários anos.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Política de Desenvolvimento Produtivo: inovar e investir para sustentar o crescimento**. Maio de 2008.

Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Vários anos.

Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)**. Vários anos.

Sarti, F. (2008) (coord.). **Relatório de Acompanhamento Setorial (Volume I): Autopeças**. Projeto: Boletim de Conjuntura Industrial, Acompanhamento Setorial e Panorama da Indústria. Convênio: ABDI e NEIT/IE/UNICAMP. Campinas/SP: Maio de 2008.

Valor Econômico. Vários números.

